



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A Imprensa em Penápolis: Temas da Dinâmica Urbana em “O Penapolense”, 1915-1939¹

Lara Alcadipani de Oliveira, Tatiana Aoki Cavalcanti, Thybor Malusá Brogio, Verônica Maria Alves Lima.²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Resumo

Este trabalho consiste em fazer levantamento de temas sobre a vida, as transformações e as dinâmicas urbanas de Penápolis, município do oeste paulista, mapeando diversas dimensões da cidade publicadas no jornal “O Penapolense”, no período de 1915 a 1939. O trabalho visa, também, suprir as lacunas existentes por meio do resgate histórico das práticas e configurações jornalísticas da imprensa interiorana do início do século XX. Além disso, o trabalho conta com o processo de digitalização de todas as páginas impressas do período, auxiliando para a conservação do patrimônio histórico e disponibilização de serviço à comunidade, facilitando o acesso ao arquivo do jornal “O Penapolense”. O arquivo digitalizado fará parte do acervo pertencente ao Museu Histórico de Penápolis “Fernão Dias Paes”, instituição que mantém os exemplares impressos do jornal.

Palavras-chave

Imprensa, Jornalismo, Penápolis, Memória, Urbano.

A Imprensa em Penápolis: Temas da Dinâmica Urbana em “O Penapolense”, 1915-1939.

O trabalho de iniciação científica em questão possui como objetivo fundamental o subsídio à pesquisa interessada em desvendar os processos de formação e configuração dos espaços urbanos, bem como suas dinâmicas e representações. O pressuposto básico para a realização dessa tarefa, é a ânsia pelo aprofundamento do saber, o desvendamento do desconhecido e a contribuição para as atividades científicas. Dessa forma, tem sido necessário o estabelecimento de uma relação ativa com o

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Lara Alcadipani de Oliveira, Tatiana Aoki Cavalcanti, Thybor Malusá Brogio, Verônica Maria Alves Lima, graduandos do sétimo termo em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e bolsistas de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



passado, para entender as diferentes situações e momentos históricos de produção do saber.

Outro fator que deve estar claro é a vinculação deste trabalho a um Projeto Temático mais abrangente, uma vez que as atividades desenvolvidas procuram atender às expectativas propostas pelo projeto. O Projeto Temático “Saberes e Eruditos Técnicos na Configuração e Reconfiguração do Espaço Urbano – Estado de São Paulo, séculos XIX e XX” possui como subtema o item “Saberes Técnicos e Teóricos na Configuração e Re-configuração das Cidades Formadas Com a Abertura de Zonas Pioneiras no Oeste do Estado de São Paulo”, ficando sob responsabilidade do grupo de pesquisadores da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Uesp/Bauru. É dentro dessas propostas mais amplas que este projeto se justifica.

Desenvolvido por alunos da graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, sob a orientação do professor Dr. Célio Losnak, o projeto “A Imprensa em Penápolis: Temas da Dinâmica Urbana em ‘O Penapolense’ 1915-1939” pretende levantar questões pertinentes tanto ao campo da história e estudos sobre urbanismo quanto ao da produção jornalística, buscando suprir as lacunas entre essas áreas do conhecimento. Primeiro porque, como aponta Chesneaux (1995), “a história é decididamente muito importante para ser relegada aos historiadores” (p.20), sendo, portanto, possível dizer que a busca histórica pode e deve ser complementada por outros campos do saber, que não a própria História.

Outro fator relevante à pesquisa, diz respeito às fontes históricas, que são diversas (um jornal, sendo válido aqui este exemplo). Assim, o que se anseia é a maior completude possível do relato, que acaba, algumas vezes, solidificando-se de maneira fragmentária ou parcial. Tomando como referência as considerações de Losnak (2004) sobre a possível parcialidade dos registros históricos, conclui-se que, assim como os registros podem nos indicar uma história unilateral, na qual os interesses de grupos específicos eram atendidos, é possível também, levantar pistas sobre conflitos e processos de interação entre grupos sociais dentro da leitura desses mesmos registros. Tais considerações demonstram-se imprescindíveis, uma vez que esta pesquisa tem como corpus as páginas do jornal “O Penapolense”, editado entre os anos de 1915-1939, na cidade de Penápolis, no interior do Estado de São Paulo.

O trabalho é composto pela revisão bibliográfica necessária ao entendimento dos temas ligados à pesquisa, assim como o resultado dos contatos com a leitura do jornal “O Penapolense”. Assim, num primeiro momento, são tratados temas mais amplos -



como a História da Imprensa e as Teorias do Jornalismo - para, em seguida, estabelecer as leituras e problemáticas existentes no texto jornalístico. O contato com o acervo do “Penapolense”, inclusive, indica as principais características do veículo, tais como espaço para publicidade, recursos gráficos, temas publicados, seções, estilo do texto jornalístico, linha editorial, entre outras. O fichamento que está sendo realizado com a leitura de todas as páginas do periódico possibilita aprofundar o conhecimento dessas características, afirmando tais pressupostos estilísticos.

Foi levantado o aparato bibliográfico substancial, ou seja, a bibliografia concernente ao tema e o suporte teórico necessário à contextualização da pesquisa. Posteriormente, o levantamento tanto do conteúdo quanto do formato e estilo do jornal esclarece os possíveis temas da dinâmica urbana em Penápolis, ampliando as possibilidades de configuração do processo histórico de formação da região noroeste do estado de São Paulo. Além disso, determina as possibilidades de estudo analítico da produção jornalística do início do século XX, no Brasil, com recorte específico da imprensa interiorana.

Por se tratar de um estudo interdisciplinar entre as áreas de História e Comunicação, a digitalização do periódico é muito significativa tendo em vista que o objeto está deteriorado fisicamente. Assim, o trabalho materializa um objeto expressivo para esse e futuros trabalhos na área.

Os registros feitos acerca da imprensa no interior são escassos, tanto no que se refere à sua história, quanto a suas configurações atuais. Lopes (1998), identifica que essa realidade se deve à prioridade que as escolas de comunicação dão à pesquisa de periódicos de grandes centros. Essa afirmação ressalta a importância dessa pesquisa não só para o resgate da história da imprensa paulista interiorana, mas também para a modificar essa realidade de hegemonia das investigações restritas às capitais e grandes núcleos.

História da Imprensa

Entender a história da imprensa do período estudado – sua atuação, estilo, técnica – permite uma compreensão mais abrangente do jornal “como instrumento de intervenção na vida política e na modelagem da consciência social de segmentos significativos da sociedade brasileira” (CAPELATO, PRADO, p. 22).

No Brasil, a importância do jornal como uma influência direta na vida das pessoas se deu especialmente no final do século XIX, na qual a leitura de jornais integra o cotidiano da cidade. Com isso, a influência tanto político/social do jornal se modifica a partir de certos elementos, destacados por Cruz (2000, p. 36):

A difusão e a “popularização” da cultura letrada via processos como a escolarização em massa, o desenvolvimento da linguagem comercial da propaganda e a formação de uma imprensa comercial colocam-se como questões importantes para a compreensão das novas redes de comunicação social na metrópole e das relações de poder aí emergentes.

As “relações de poder” enunciadas pela autora será um dos temas frequentes em toda a história da imprensa brasileira do período estudado – final do século XIX e início do século XX.

Apesar da grande diversidade de estudos de periódicos da capital, o Estado de São Paulo possui uma escassez de análises referentes à imprensa do interior. O estudo realizado por Gastão Tomaz de Almeida (1983, p. 46) aponta as diretrizes da imprensa do interior de São Paulo no início do século XX: “Até 1919, chegavam a 103 as cidades que tinham tido pelo menos um jornal. Se eram 174 os municípios (...), conclui-se que ainda restariam pelo menos 40% das cidades sem imprensa”. A primeira cidade do interior paulista a ter um jornal foi Sorocaba, em 1842, com O Paulista (ALMEIDA, 1983, p. 23).

Almeida (1983, p. 15) aponta uma característica marcante da imprensa interiorana: “se apresenta como uma história dinâmica, um abre-fecha constante de jornais. Sempre, porém, prestando às comunidades um serviço inestimável, de tal modo que não se pode menosprezá-la, ainda quando ela não dá sinais de ter evoluído técnica e profissionalmente”. Esse “abre-fecha” assinalado pelo autor é característico da imprensa do início do século XX, que ainda tinha um caráter experimental e, nesse sentido, a profissionalização da redação e a organização jornalística como empresa ainda não eram praticados. Com isso, os proprietários não achavam necessária a contratação de jornalistas, pois “sendo o seu jornal pequeno, voltado para a sua cidade, ele mesmo tem condições de redigi-lo quase totalmente (como, aliás, se fazia nos primórdios da imprensa), quando muito com a colaboração de um professor ou de duas ou três pessoas, de qualquer outra profissão” (op. cit., p. 20).

Sodré (1966) argumenta que a imprensa do interior possuía caráter artesanal e que, diferentemente do que ocorreu nas grandes cidades no final do século XIX, em que a imprensa mudou o formato de seus jornais para enquadrar-se como empresa capitalista, no interior os jornais continuaram com o formato antigo, mais provinciano.

Outro pesquisador da imprensa do interior é Wilson Bueno da Costa (1977, p. 128) o qual também considera a imprensa interiorana como “artesanal” – dependente de instituições como a prefeitura ou da elite dirigente da cidade, o que acarreta, segundo o autor “em um efeito nefasto sobre o seu papel de fiscalizadora da coisa pública”. Já Sodré (1966, p. 425) é mais radical, pois retrata a imprensa do interior como “limitada”: “pequena empresa artesanal, sem perspectivas, reduzida a estreitos horizontes, ferozmente submetida ao latifúndio, limitada às questões domésticas e pessoais”.

Contudo, das características apontadas por Sodré (1966) na descrição anterior, Bueno (1977) discorda de quase todas, uma vez que os jornais do interior são, sim, artesanais, mas que nada autoriza a inferir que a imprensa industrial seja melhor do que a imprensa artesanal. Bueno (1977 apud ALMEIDA, 1983, p. 20) justifica partindo da idéia de que “a idéia corrente de que o jornal artesanal é “menos formal” do que o jornal industrial” e que “a nós não satisfaz tomar a grande imprensa como modelo”.

Dirceu Fernandes Lopes (1998, p. 105) descreve a importância do jornalismo do interior: “A imprensa do interior é fundamental para a articulação de informações entre os moradores das cidades que produzem boa parte das riquezas deste país”. Lopes (1998, p. 106) esclarece ainda que “nada substitui a visão local”: “há um processo natural de identificação do leitor com o jornal de sua cidade, independente de sua linha editorial, já que é esse veículo que informa o que interessa mais de perto a seus leitores”.

O jornal do interior tem a intenção de traduzir o que ocorre ao seu redor, em seu mundo. “É no jornal local que o morador busca e encontra, numa linguagem acessível e própria, aquilo que interessa para o seu dia-a-dia” (LOPES, 1998, p. 105).

Sobrinho (1998, p. 131) completa que não só os leitores que preferem os jornais locais, como os empresários e comerciantes têm preferência pelo jornalismo local, por conta da redução de preço do espaço publicitário.



O autor resume a relevância da imprensa do interior:

é, por excelência, um facilitador do exercício de cidadania. Por estar muito próxima do cidadão e tratar com frequência dos assuntos que diretamente lhe dizem respeito, permite ao cidadão participar no desenvolvimento local, reclamar direitos do poder político e administrativo, fiscalizando, deste modo, o funcionamento da coisa pública (ibidem).

A Imprensa em Penápolis

A origem e o crescimento de Penápolis em seus primeiros anos estiveram intimamente ligados ao processo de ocupação da região Oeste do Estado de São Paulo. Processo esse que foi iniciado na segunda metade do século XIX, mas cuja intensificação ocorreu um pouco mais tarde - somente na primeira metade do século XX é que a região passou a ser ocupada, loteada, cultivada e urbanizada efetivamente. As vilas e cidades cresceram de forma acelerada com a vinda de fazendeiros, a implementação de atividades agrícolas e a chegada de trabalhadores, muitos dos quais imigrantes. Naquele momento, foi a estrada de ferro a grande propulsora dessa urbanização. Avançando “sertão” adentro, a Noroeste levou consigo a utopia modernizante do progresso do homem branco.

No decorrer desse movimento despontou a cidade de Penápolis, à época importante bastião regional dos ideais progressistas. E, foi no fluxo dessa gênese que, “O Penapolense”, órgão da imprensa local, surgiu e acompanhou os processos de urbanização da cidade e da região, dando voz aos anseios de crescimento e consolidação da “civilização” no oeste paulista. Assumidamente “Órgão do Partido Republicano”, é possível observar que, por pelo menos vinte anos, “O Penapolense” dominou o jornalismo local, publicou o Diário Oficial do Município, divulgou as idéias dos líderes políticos regionais e estaduais, apresentou cenas mundanas das elites penapolenses e enunciou as transformações econômicas e os novos costumes, registrando as alterações da vida urbana, tanto de seus aprimoramentos técnicos quanto de suas relações sociais. É, portanto, o jornal a fonte histórica principal desta pesquisa. É ele, antes de tudo, também o objeto, uma vez que a maioria das atividades se debruçará sobre sua leitura e análise para chegar às conclusões possíveis.

As práticas culturais urbanas eram motivos de notícias e detidas matérias do periódico, e o grau de subjetividade no retrato da elite da cidade é elevado: ao exame parcial do jornal, pode-se depreender que a composição do Penapolense era claramente



voltada a uma classe específica. Sendo que o periódico surgiu num momento em que grande parte da população do município vivia na zona rural, pode-se concluir que o jornal dirigia-se a um número restrito de leitores – uma elite letrada que vivia/convivia em áreas urbanas.

Pôde-se constatar dados relevantes, como a visão do jornal a respeito dos eventos sociais da cidade. Os fatos noticiados eram exclusivos de uma elite letrada que consumia e anunciava no jornal.

A relação direta entre o jornal e seu leitor fica por conta das seções permanentes do *Penapolense*: colunas inteiras dedicadas a “proclamas de casamento”, “núpcias”, “nascimentos” e “falecimentos”, estão presentes em praticamente todas as edições analisadas até o momento. Outra constante são os chamados “editais de protestos”, no qual leitores escrevem cartas denunciando seus respectivos devedores ou o cartório enviava os protestos dos leitores para o jornal. É a cidade interagindo através do jornal.

De acordo com Clóvis Rossi (2005, p. 85), o leitor aumenta seu interesse pela notícia quando mais próxima (principalmente em termos geográficos e culturais) ela estiver: “o que acontece perto da minha casa é mais importante do que o que acontece a quilômetros e quilômetros de distância”. Para tanto, os jornais interioranos cumprem a tarefa de suprir os moradores de sua cidade com conteúdos que refletem sua realidade. Eventos da elite, reuniões da diretoria da cidade, anúncios locais bem como artigos que identificam o ideal liberal são constantes no “*Penapolense*”.

Considerações Finais

A realização do trabalho de pesquisa já possibilitou algumas reflexões importantes sobre a prática e os resultados da produção jornalística. A primeira delas é a de que toda narrativa é, na verdade um discurso, possuidor de uma argumentatividade característica inerente a vários fatores sob os quais se sujeita. A visão subjetiva do narrador somada ao “mundo” ao qual ele pertence, assim como as necessidades que se quer suprir no ato de narrar, marcam a impossível neutralidade do discurso.

Dessa maneira, é possível, como sugere Bourdieu, definir que “o campo jornalístico é então o lugar de uma lógica específica” (BOURDIEU, 1997, p. 105). Além disso, essa lógica estaria se reconfigurando e sendo reconfigurada, constantemente, dentro da lógica de transformação do cenário social. O que mudaria, então, seria a forma, o estilo jornalístico, uma vez que a carga discursiva continuaria a



predominar no campo jornalístico. Assim, estudar O Penapolense é entender o cenário social que se apresenta por meio de seu discurso, além da possibilidade de situar qual o estilo jornalístico que predominava naquele cenário.

Uma segunda reflexão bastante interessante refere-se a um paradoxo. A ampliação dos meios de comunicação e a expansão do jornalismo no século XX enquadraram “a prática jornalística sob o signo da velocidade (ou da precipitação) e da renovação constante” (BOURDIEU, 1997, p. 107), favorecendo “uma espécie de amnésia permanente (...) e também uma propensão a julgar os produtores e produtos segundo a oposição do ‘novo’ e do ‘ultrapassado’”. Essa pasteurização do jornalismo e a atribuição da instantaneidade à notícia (que amanhã será nada mais do que passado), conseqüentes da velocidade do mundo moderno, são exatamente contrárias à noção de tempo da História. Assim, o que se pretende resgatar com a pesquisa no Penapolense é justamente a atribuição de um valor histórico à notícia, atemporal e perene. O texto jornalístico serve, então, como ponto de partida para o reconhecimento de um cenário específico e sua situação dentro da narrativa histórica existente.

Por último, a pesquisa possibilitou o entendimento de que “os mecanismos do campo jornalístico (...) e os efeitos que eles exercem sobre outros campos são determinados em sua intensidade e orientação pela estrutura que o caracteriza” (BOURDIEU, 1997, p. 109). Ou seja, o discurso jornalístico pertence a uma estrutura específica, e sua influência está submetida a essa estrutura. O estudo do Penapolense dentro da mentalidade que regia a sociedade local naquele momento determina, então, o tipo de discurso e efeitos que se pretendiam efetuar sobre essa mesma sociedade.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, G. T. de. **Imprensa no interior: um estudo preliminar**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

BOURDIEU, P. A influência do Jornalismo. Posfácio. In: **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAPELATO, Maria Helena R.; PRADO, Maria Ligia C. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de São Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** Sobre a História e os historiadores. Trad.: Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, H de F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: Educ / FAPESP / Arquivo do estado de São Paulo / Imprensa Oficial, 2000.



LOPES, D. F.; SOBRINHO, J. C.; PROENÇA, J. L. (Orgs.). **A evolução do Jornalismo em São Paulo**. São Paulo: EDICON / ECA-USP, 1998.

LOSNAK, C. J. **Polifonia urbana**. Imagens e representações – Bauru 1950-1980. Bauru: Edusc, 2004.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.